

Religiosidade popular: “Usos e representações de um corpo santificado pela crença popular”.

Jean Françóis de Figueiredo Sirino
***UFCG**

Esta pesquisa irá analisar as leituras, usos e representações que originaram a construção da mistificação e “santificação” do corpo de Francisca e, problematizar como que esse fato veio ou não a modificar os hábitos culturais dos habitantes Patoenses, verificando até que ponto a construção do santuário religioso de Francisca modificou as estruturas urbana da cidade. Para tanto procuraremos problematizar as diversas construções e reelaborações que possivelmente os habitantes de Patos, cidade localizada no alto sertão à 240km² da cidade de Paraíba, atual João Pessoa, capital paraibana, criaram para transformar este acontecimento como ponto de partida para sua mistificação mediante a sua morte.

Com esse trabalho objetivamos dar a nossa contribuição à historiografia paraibana, tentando oferecer mais uma possibilidade de interpretação e compreensão do complexo mosaico que possibilitou a emergência tanto da crença em Francisca como a emergência da cidade de patos no roteiro turístico religioso.

Inicialmente procuraremos analisar o impacto que a morte de Francisca, criança franzina de idade aproximada aos 11 anos, causou na cidade e no cotidiano das pessoas de Patos. Qual o motivo que levou o seu assassinato, se esse existiu? Como esse impacto é ressignificado pela população com a construção de um território do sagrado, como seus devotos elaboraram práticas para seu culto, essas práticas são as mesmas da religião católica? Qual foi a importância do discurso do poder judicial no decorrer do processo, e em seu encerramento, levando-se em conta a opinião da população em relação ao crime e sua relação sobre o resultado oficial?

Em um segundo momento, analisaremos os discursos proferidos, entre eles, pelas instituições oficiais (prefeitura, governo, imprensa e escritores), que se utilizam e/ou utilizaram-se desse fato para elaborar práticas que viessem a favorecê-las, criando cada vez mais a crença em Francisca, através da legitimação que suas escrituras davam, contando e recontando o acontecimento, seus milagres realizados aos seus fies. Ao relatar o fato histórico, esses mesmo acabam (re)inventando novos significados, dando-lhe um novo lugar na história dos habitantes de Patos.

Esta pesquisa deixará de fora a análise de algumas fontes, entre elas os processos crimes sobre o acontecimento.

A historiografia contemporânea possibilitou ao o historiador um legue de possibilidades e métodos para realização de sua pesquisa. Na elaboração de seu trabalho historiográfico ele torna-se um juiz. Pois cabe a ele explicar como foi, de que maneira “aconteceu” e, com autoridade de fala e controle da estratégia metodológica, faz valer sua representação sobre o passado como o discurso do acontecido.(PESAVENTO, 2003)

Ancorados em algumas premissas metodológicas acreditamos ser possível realizar um estudo sobre o santuário da cruz da menina, entrecruzando a fonte oral com outros documentos que também (re)significam a cidade, como é o caso dos discursivos que contempla a problemática.

Não podíamos deixar de citar que nossas fontes básicas são: a pesquisa de Elisa, a revista história da cruz da menina, publicada por Damião Lucena e as entrevista orais. Para tanto, utilizaremos à pesquisa de Elisa, que se encontra no SEDHIR (Setor de Documentação e História Regional na UFCG), nos apropriando até certo ponto de sua discussão e em outros, nos distanciaremos e teceremos comentários. Sua pesquisa faz uma revisitação à história, mostrando que a construção da crença em Francisca foi originada através dos vários discursivos que juntos deram visibilidade a história. Já a revista de Damião Lucena nos possibilita uma análise mais tradicional da história. Em relação às fontes orais, procuramos mostrar a presentitude do fato ainda hoje, sem esquecer-se de fazer uma discussão teórica sobre a utilização desse tipo de fonte.

Os relatos orais para o historiador se constituem como produção de uma fonte, que lhe cobra uma prática e materializa-se em procedimentos analíticos que possibilitam deslocamentos e por extensão a construção de uma nova ordem de significados e, portanto um outro entendimento do que é dito.

Portanto, vale ressaltar que, nosso objetivo maior é contribuir para a elaboração de mais uma interpretação ou compreensão da história de Francisca e da cidade. E, interpretar é termos em mente de que vivemos um outro tempo, com perguntas que ao indiciar ou (re)indiciar uma fonte tende a contribuir para a atualização do conhecimento histórico.

Por volta de 1915 um casal de retirantes na busca de escapar da miséria e da fome provocada pela grande seca que assolava o nordeste de passagem pela cidade rumo à cidade de Campina Grande, resolve entregar sua filha mais nova e de aparência fraca a um homem, Absalão. (LUCENA, 1993).

Domila em face da novidade trazida pelo esposo, de trazer uma criança para morar com eles, teve uma atitude de recusa, porém depois de algum tempo, Absalão consegue convencer sua esposa de que seria muito bom, pois a criança poderia realizar as tarefas de casa, e ela então, passaria a ter mais tempo para se dedicar a outras tarefas, vendo por esse ângulo, Domila aceita o “presente” do marido.

Absalão era o responsável pelo motor da luz, que fornecia energia para toda a cidade. Atividade que o fazia bastante conhecido na cidade. Era conhecido como uma pessoa passiva e calma, amigos de todos ao contrário de sua esposa, a qual segundo “testemunhos proferidos no processo” dados por conhecidos e vizinhos consideravam-a uma mulher de gênio forte.

Conforme testemunhos prestados por vizinhos, Domila vivia maltratando sua afilhada, uma menina pequena e franzina. Nessa época Absalão e Domila moravam no alto da Pedra, hoje conhecida como rua da pedra. De acordo com os autos do processo, Domila diariamente surrava Francisca, com a conivência de Absalão, que a tudo assistia e não interferia a favor da menina, o que o tornou cúmplice de sua esposa. (ELISA, 1997)

Como nessa época a maioria das casas era de meia-parede, pois, lembremos que nessa época Patos era uma pequena cidade de economia precária, ocasionado em parte pela localização geográfica no alto sertão da “Paraíba”, detentora de clima árido e seco. Os vizinhos do casal diziam ouvir os sussurros de dor de Francisca que apanhava constantemente, no entanto, preferiam não se meter, pois acreditavam que era apenas um castigo em uma criança levada, e não mais que isso. Entretanto, ao analisarmos os discursos em torno da menina proferidos por vizinhos e conhecidos na delegacia, ambos contemplavam Francisca como uma criança calma, uma “pobre coitada”, que mal sai de casa, não fazia astúcia como as demais crianças, então, surge uma interrogação, como eles podiam achar que eram normais as constantes surras que sua madrinha dava? Como castigar uma pessoa que não fez nada de errado? Então o que pensar, será que os discursos de seus vizinhos abrem espaços falhos?

Ao amanhecer do fatídico dia, os supostos assassinos do crime espalharam que Francisca havia fugido de casa. Absalão encenara uma procura frustrada pela menina. Porém os vizinhos estranharam a atitude de Domila que um dia depois da fuga da afilhada, já estava vendendo as suas roupas. (ELISA, 1997)

No dia 13 de outubro de 1923, o agricultor Ignácio Lazario de Costa encontra os restos do corpo de Francisca. Em depoimento ao tenente Vicente Janssem de Castro,

delegado de policia, na casa de Josias Alves da Nóbrega, localizada no sitio Trápia, aos 18 dias do mês, na presença do escrivão José Florentino Junior e testemunhado pelos senhores: Manoel Cabral Nóbrega e Plácido Rodrigues, Ignácio, cidadão de 65 anos, contou que havia sido atraído por um bando de urubus que voavam a 400 braças de sua casa, achando que podia ser algum animal de sua pertença que estivesse ferido. Dirigiu-se ao local e, lá chegando, [in] felizmente depara-se com um corpo em estado de putrefação, forçando um pouco mais a vista, constata que se trata de uma criança e, pelas vestes era do sexo feminino, os urubus já haviam começado a comer o corpo (Lucena, 1997), restando um monte de carne rasgada.(grifo nosso).

Ao ser identificada por algumas pessoas que a conhecia, com sendo a afilhada de seu Absalão e dona Domila que estava desaparecida alguns dias, o delegado começa a tomar as primeiras providências, mandando comunicar o caso ao casal. Seu Absalão não reconheceu os restos de Francisca, dizendo que não dava para saber se era ela mesma devido ao estado de putrefação que se encontrava, mas Noé Trajano da Costa seu vizinho reconheceu.

Nesse momento a “cidade” de Patos, vive um clima tenso em busca de compreender o que havia acontecido. Quem teria feito algo tão monstruoso? Pessoas falavam a todo o momento sobre Francisca, procurando resposta sobre o que ela havia feito para merecer um fim cruel como esse. Algumas pessoas mais ligadas a Absalão e Domila (de)corriam narrativas mostrando ou/e construindo um arquétipo de monstros para o casal, que na voz do povo, passaram a ser os culpados. Nesse momento de agitação é que começa as narrativas populares que constrói uma imagem de monstros para seus padrinhos, principalmente para Domila, que passa a ser vista como uma mulher de coração duro e perversa.(ELISA,1997)

Sátiro levanta possibilidades que possibilita analisarmos como os discursos são heterogêneos sobre um acontecimento como este. Dores, mulher de seu jizé foi a primeira pessoa a levantar a suspeita de assassinato da criança mesmo antes de ver o corpo e da divulgação oficial (Dores e Jizé são nomes fictícios). Essa se concretizaria mais adiante, quando identificam a menina como sendo do casal. O povo foi o primeiro a atribuir o assassinato aos padrinhos de Francisca que a partir dos acontecimentos vão ganhando um estereotipo de criminosos insensíveis. Nesse sentido os discursos concorrem para o tratamento micro-histórico na medida em que escolha particular de observação produz efeitos de conhecimento.

Nessa perspectiva, a legitimidade da “autoridade”, isto é, a expressão daquilo que é aceito como crível se constrói pelas representações que vão se articulando em torno dela que se traduzem por uma constelação de referências, fontes, uma história, uma iconografia, em suma, por uma articulação de autoridades (DURAN, 2007)

Em seu romance, *Sátiro* começa de imediato a atribuir milagres a menina, o primeiro seria o retorno da ovelha de seu Jizé, um milagre concedido por Francisca como agradecimento pela descoberta de seu corpo, procurando assim instituir um discurso que crie veracidade a santa de Patos. Francisca mesmo enquanto ser físico dava sinal que não era uma criança comum, criando-se uma idéia de que essa [in] feliz criança, já tinha sua jornada de vida escrita. Após a morte de seu corpo, sua alma ganha um lugar de santidade ao lado de “Deus Pai”. Uma alma pura e milagrosa que se tornará uma ponte de salvação e esperança para todos aqueles que nela acreditam.

Os discursos divergem, já que são relatos da oralidade dos habitantes da cidade de Patos. Mesmo o discurso da justiça não consegue dar conta de forma homogênea de descrever e apurar o acontecido na íntegra. O contato direto das pessoas que testemunharam o fato, faz com que suas narrativas, sejam marcadas por subjetividades individuais que possivelmente pode prejudicar a compreensão do acontecido de maneira “fiel” como se pretende.

Essa construção antecipada de sua santidade é vista na atitude do padre da capela de Nossa Senhora da guia: “Certo domingo, durante todo o sermão, falando do episódio em que Cristo disse ‘deixai vir a mim, as criancinhas, pois delas é o reino dos céus’... todos que o ouviram foram unânimes em reconhecer que ele se mostrava muito inspirado, teve sua atenção despertada para a menina sentada entre seu Benedito e dona Raimunda” [nome fictício de Absalão e Domila no romance]. (*SÁTIRO*, 1996 p.130).

O lugar dado a Francisca nesse romance servirá para enaltecer aos olhos de todos seu caráter de milagrosa, pois um alto membro da cidade, erudito conhecido por todos, resolve contar em forma de romance sua história, dando visibilidade para o que já vinha sendo cristalizado a tempos, deste o momento do processo que levou Absalão e Domila ao banco dos réus por três vezes.

Começando as investigações, o delegado chama algumas pessoas para serem ouvidas, começa a partir daí a construção de um mosaico de prosa, que antes não passavam de conversas e cochichos nos bares, esquinas e no café da cidade, que servia de ponto de encontro entre as pessoas, um jornal oral dos acontecimentos da cidade, vai sendo gradativamente legitimado pelo poder jurídico. O delegado responsável vai

interrogar os vizinhos do casal, amigos e os envolvidos diretamente ou indiretamente em sua morte. O que antes não tinha valor oficial vai passar a ter, construindo uma verdade, das várias histórias que surgiram durante todo o processo (ELISA, 1997).

Todos os depoimentos têm algo em comum: a vida que Francisca tinha na casa de seus padrinhos era marcada por dor e sofrimento, surras e mais surras, gritos e mais gritos, que marcou sua passagem entre nós. As pessoas relatavam e reinventavam o disse e me disse de outras pessoas. Poucos “presenciaram” os maus tratos aplicados à menina, porém toda a cidade tomara conhecimento após a descoberta de seu corpo. Mesmo as pessoas que não chegaram a conhecer a menina ainda em matéria, passam a sentir-se conhecedoras de sua vida e de sua história. Sentiam-se no “direito e dever” de contar para os outros como se tivesse participado e/ou presenciado os maus tratos aplicados a pobre criança. Fazer parte desse acontecimento dava as pessoas lugar especial, todos queriam contar que conhecia o casal ou a menina, todos queriam ser ouvidos, era importante ter participado, ou seja, esse assassinato mudou a rotina dos ‘pacatos’ habitantes da cidade de patos. (ELISA, 1997).

Nos depoimentos¹ apurados quando do acontecido, sobre como se deu o crime, todos os depoentes foram unânimes ao descrever a noite do crime: Francisca havia aberto a janela para avistar as outras crianças que brincavam em frente a sua casa, esquecendo de fechá-la quando foi deitar. Isso foi, mais um pretexto para que sua madrinha segundo consta, desse-lhe uma surra, sendo que desta vez, a surra passou dos limites humanos. (LUCENA, 1997) Seu Noé contou a polícia que escutou os gritos da menina pedindo pelo amor de Deus para que sua madrinha parasse de lhe bater. Domila, entretanto não para, e sim, dizia que iria matar essa beste, que gritava para que os vizinhos ouvissem, mas nada disso ia importar, de repente após uma pancada, veio um silêncio que chegava a causar arrepios em seu Noé, Francisca não mais gritava não mais se escutava seus sussurros de dor. Depois de um tempo, escutam-se cochichos na casa, logo depois um carro para em frente e minutos depois sai sem ligar o motor e com os faróis desligados (ELISA, 1997). Naquele momento Francisca haveria morrido e seus padrinhos então resolveram encobrir o acontecido e armaram uma farsa?

Em entrevista feita com Maria Aparecida das Graças moradora da rua da pedra² atualmente, ela diz: “Francisca nasceu santa, por isso todos a amavam, não tiveram medo de denunciar os culpados... graças às pessoas o crime foi descoberto”. (entrevista, 08.09.06)

Direta ou indiretamente ainda existe na mente das pessoas de Patos uma forte relação com o acontecido, passado e presente se misturam, reinventando novas formas de ver o acontecido. A participação da população no “desvendamento do crime” na época serviu de certa forma para elevar o discurso em torno da santidade de Francisca.

Alguns acontecimentos podem regionais podem traumatizar tanto, marcara tanto uma região ou um grupo de pessoas, que sua memória, sua lembrança pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo real de identificação coletiva, fatos como o da menina Francisca, tem o poder de provocar marcas tão profundas que nem o tempo conseguiu eliminar por inteiro seu rastro. (Pollak citando Philippe Joutard)

Uma grande quantidade de pessoas ainda hoje continua perpetuando a trajetória de Francisca continua acusando seus padrinhos de terem a assassinato, mesmo estes tendo sido inocentados do crime, nos três julgamentos que aconteceu.

Isso se deve ao fato da memória, segunda afirma Halbwachs, ser entendida e compreendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Sendo cada memória um ponto de vista do acontecido representando uma visão individual em relação ao passado, sendo assim, a história de Francisca é formada por essas várias memórias individuais que juntas formam a história da cidade que continuamente é retransmitida e recontada (POLLAK. 1992).

Segundo Elisa, talvez medo do olhar da sociedade, o temor da reação pública pesasse para eles mais do que o pecado da prática do crime, o que os levou possivelmente a contratar os serviços de Jose Vicente Alves, conhecido como hindu também morador do alto da pedra. Hindu em algumas narrativas sobre o caso e considerado como dono do carro que levou Francisca, agora sem vida, para as proximidades do sítio Trápia, onde teve seu corpo jogado em meios a uma fenda. Já em outros escritos, Hindu era apenas o motorista que dirigia o carro de seu Joaquim Batista de Sousa. Mais todos os testemunhos caminham para o mesmo lugar na noite do crime, Hindu teve seu serviço contratado por Absalão a altas horas da noite.

O papel que os vários discursos ganham nessa história, revela-nos a fragilidade das narrativas históricas. Em quem acreditar?E em que acreditar? Até que ponto os padrinhos de Francisca são culpados pelo que lhe aconteceu e até que ponto são inocentes?Para o povo eles são os culpados do assassinato, porém para a justiça, eles são vítimas da acusação do povo, tanto é que foram absolvidos nos três julgamentos.

Mais quais as provas ou/e fatos que os levaram a ser tidos como inocentes? Será que elas existem ou simplesmente a influencia de amigos fortes os ajudaram nessa luta judicial? Não há verdades absolutas para ser buscada nas diversas etapas constitutivas, mas sim discursos historicamente detectáveis, que constroem verdades e possibilitam o exercício do poder... Não existe um sentido dado a priori, mas sentidos que são construídos nas práticas discursivas. (FOUCAULT, 2004).

Durval Muniz em *A arte de inventar o passado*, defendendo a idéia de que o historiador ao produzir a história, ele estaria violando memórias e inventando o passado, pois o passado nada mais seria que “conceitualizações”. E essa conceitualização são categorias abstrata com as quais se organizam o material empírico das fontes. Essa violação como bem atesta Muniz se justifica devido, que por mais bem intencionado que esteja o historiador, a relação que se desenvolve com as memórias, com as fontes coletadas, ele terá que “deflorá-la” para tentar gestar a história. O que acaba se constituindo enquanto ponto de vista externa ao acontecido, uma interpretação a “posteriori” ao fato. Procurando dá significados e resignificados aos fatos com seus conceitos contemporâneos.

Certeau concorda com a idéia de que na produção de texto histórico, o historiador utiliza-se de deduções para se chegar a uma verdade, pois não se pode falar de uma única verdade, mas de verdades, uma vez que o passado não poderia ser apreendido plenamente, não só por limitações dos métodos historiográficos, mas devido ao lugar de fala do historiador.

O discurso histórico procura estabelecer uma relação próxima com que se chama na historia de verossimilhança³, seria uma serie de atributos da própria verdade, podemos dizer que seria uma delas, o historiador buscar, por meio de verificações durante sua pesquisa, exprimir uma versão de verdade ocorrida a respeito do fato analisado.

Dentro dessas perspectivas, podemos perceber a complexidade do ofício enquanto escritor, enquanto investigador e mesmo enquanto estudioso de um âmbito tão abrangente quanto à história. Certeau chama atenção para os procedimentos que devem nortear uma operação historiográfica e o cuidado durante o processo da escrita, haja vista que o exercício de escrever bem a história é uma atividade cheia de peculiaridade que, caso não sejam respeitadas, podem ocasionar a má representação da realidade histórica.

Em síntese, para Durval a verdade histórica não é algo a ser alcançado, por isso, para ele tudo não passa de discursos. Já Certeau concorda que a verdade histórica realmente não pode ser alcançada na íntegra, mas não nega a possibilidade de alcançar alguma verdade, negando a idéia de que são apenas narrativas dos fatos, onde o discurso do historiador não estaria mais relacionado com visões acabadas, fechadas em si mesmas, mas residia na busca pelo historiador de possibilidades, hipóteses de abordagens.

Em meio ao turbilhão que os cercava, Absalão e sua esposa resolvem se mudar para o hotel dos Viajantes, talvez, já tomados pelo remorso, admitindo (in) diretamente sua culpa. (LUCENA 1997).

Sátiro mostra à fuga do casal após a descoberta do corpo de Francisca, agora sem vida, já que o que sobrara foram apenas restos comidos pelos urubus, por uma nova lógica. O discurso introduzido por Sátiro em relação à saída do casal de sua casa para o hotel sertanejo enfatiza não como fuga, mas uma maneira de fugir aos olhares dos curiosos que constantemente passavam pela rua do alto da pedra, esticando o pescoço na esperança de verem os “assassinos”, com medo de sofrerem represálias, o casal resolvera se mudar temporariamente para o hotel, essa forma de ver as coisas quebra um pouco o discurso que a saída dos dois simbolizasse fuga, atestando assim culpa como foi colocado por muitos.

A única coisa que ainda restava de Francisca, era a sua lembrança no imaginário popular, porém uma imagem marcada pela dor, espancamento, que seu corpo carregara durante tempos. Essas lembranças foram sendo transmitidas inicialmente de formas orais, depois com o inquérito de forma oficial. Entretanto, os discursos divergem, já que são relatos da oralidade dos habitantes da cidade de Patos. Mesmo o discurso da justiça não consegue da conta de forma homogenia de descrever e apurar o acontecido na íntegra. O contato direto das pessoas que testemunharam o fato faz com que suas narrativas sejam marcadas por subjetividades individuais a flor da pele, que possivelmente conduziram as investigações a tomarem outros rumos, porém, esses rumos não podem e não devem ser interpretados de maneira negativa, pois a compreensão do acontecido independe disso.

Existe na academia os que defendem que a proximidade do fato é positivo para a construção de um relato mais próximo do acontecido, outros discordam e acham arriscado tanto proximidade.

Para a pesquisa, a falta da distância ao invés da inconveniência pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história (FERREIRA, 1995).

Sátiro também vai construir um discurso que ataca a justiça, ao iniciar seu romance fazendo uma análise das características dos personagens mais importantes da história como o ex. do juiz, que mais na frente lhe dará condições de criticar seu desempenho como autoridade, através da fala de uma das personagens, dona Juvencia: “Ficassem certos de que tudo aquilo ia dar em nada, ninguém ia receber castigo nenhum... a justiça dos patos é um poço fundo. O que cai nele não sai mais nunca... o juiz não trabalha; o promotor muito menos; o major, que podia fazer alguma coisa, é amigo do juiz”.(SÁTIRO, 1996 p.75)

Será que essa construção seria uma forma de justificar o desfecho da realização dos julgamentos? Sátiro de forma artilosa coloca a fala dessa personagem no início de seu romance, uma forma de crítica branca a justiça da cidade. Isso seria uma explicação ao anseio dos que acreditavam na culpa dos réus, mesmo quando da absolvição em todos os julgamentos, o que os deixou revoltados, pois para eles os padrinhos da menina já eram culpados desde o início não sendo preciso ter sido realizado nenhum julgamento, pois o povo acredita na culpa deles, mesmo quando esses foram absolvidos pela justiça, continuaram sendo apontados por todos como assassinos, obrigando-os a sair da cidade.

A comoção que o fato causou nas pessoas poderia ser uma das possíveis explicações para entendermos o porquê de acreditar que Francisca tornara-se santa? O fato de ser uma criança indefesa aos castigos aplicados por sua madrinha daria a ela esse lugar? O ser criança, ser puro, gracioso, dotado de bondade e não conhecedor de maldade - explicaria o porquê de sua santidade. Uma criança que sofreu o que Francisca sofreu acabaria se tornando Santa como forma de amenizar sua dor. Essa é umas das possíveis explicações para seu desenvolvimento da mentalidade popular como fazedora de milagres. (ELISA, 1997)

Nesse sentido, a infância é reforçada pela maculação⁴ de um sentido de perversidade, e de brutalidade, incorporado nos personagens de seus padrinhos. Assim, a invenção da santidade de Francisca se constrói também a partir da leitura de modelos de condutas sociais onde a conduta dos autores do crime é destacada na justificativa da

santidade, uma vez que, a vida curta da menina em si, não foi capaz de produzir uma moralidade exemplar que legitime sua santidade.

Ao final do primeiro julgamento, que resultou na absolvição dos réus, a população de Patos sentiu-se ferida no peito não aceitando o discurso das autoridades oficiais, como poderia ser que pessoas como Absalão e Domila fossem inocentados de algo que nem precisava de julgamento, pois estava na cara de todos que eles haviam realizado o crime. (ELISA, 1997) A “pequena cidade” de Patos tornara-se inquieta com a decisão da justiça, pois muitos acreditavam na culpabilidade dos padrinhos. Em meio a isso começam os relatos os vários milagres que Francisca realizou.

Entretanto, devemos ter cuidado ao tratarmos dos discursos proferidos pelos habitantes de Patos como estabelecendo um campo identitários coletivo, numa pretensa homogeneização que os agregaria⁵, deixando de perceber a compreensão deste em suas distinções. Então, ao nos referimos à cidade não estamos querendo apagar as vozes discordantes, mas exaltar estrategicamente a vultosa participação dos moradores no acontecido.

No local onde foi encontrado seu corpo uma cruz foi erguida como forma de sinalizar o local do acontecido. (LUCENA, 1997). E em 1929, o rurícola Jose Justino do nascimento como forma de agradecer um “milagre” alcançado, constrói uma pequena capela no lugar e com isso, o lugar começa a receber romarias, se transformando mais tarde no ponto de maior convergência de devotos e fies do estado da Paraíba.

A reabertura do caso em 1932 torna-se uma nova página na história da menina que perdeu a vida de forma trágica, mas que ganhou a eternidade no imaginário popular de seus crentes, fazendo milagres.

O encontro entre jurídico e sagrado, cria um novo discurso. Essa reabertura faz com que a história seja resignificada, sua morte ganha novas visões de interpretação (ELISA 1997).

Passado e presente se encontram mais uma vez. Agora o júri terá que levar em conta que não se trata apenas de uma criança morta mais sim da “santa” de patos, pois nessa altura o crer em Francisca era algo quase que unânime em patos e regiões circunvizinhas. O povo cobra que se faça justiça a santa deles. Os Crentes da Cruz da Menina profetizavam pelas ruas seus milagres, várias eram as pessoas que tinham sido curadas por Francisca, sua capela não mais cabia com todos os ex-votos que seus devotos haviam depositado como agradecimento pela graça alcançada.

De Patos para o Brasil e do Brasil para o mundo, foi assim, segundo relatos de seus crentes que a crença na menina ganhou novas fronteiras. A história que Antonio Américo relata em seu livro, do milagre que Francisca realizou em um homem americano que convalescendo de uma doença misteriosa, numa certa noite sonhará com uma menina que lhe falou: você será curado se você, mas tão logo isso aconteça você terá que ir ao meu santuário e lá deixar seu ex-voto na minha cruz. Curado o americano veio até Patos cumprir o “acordo”. Esse suposto milagre lança muito além das fronteiras de Patos a crença em Francisca (ELISA, 1997)

O caso de Francisca não é mais apenas uma história contada oralmente, ganha corpo, escritos sobre são difundido por todo canto, sua história é cantada e contado por todos, sendo com isso reinventada, reescrita no imaginário popular e pelos meios oficiais.

Com as várias narrativas, escritas e publicadas, os escritores passam a montar e desmontar as versões dos fatos, preenchendo a história da Santa de novos lugares, tecendo tempos, transformando criativamente as novas escritas, o sentido que lhes atribuem, colocando-a em uma moldura nova (ELISA 1997).

Foi muito utilizado o discurso escrito por meios oficiais para se perpetuar o mito, da santa de Patos. Antonio Américo, com sua vontade de abrir o conhecimento ao povo; Jose Motta, com seu discurso de promotor de acusação, elevando ao máximo a explicitação da impunidade, pelos órgãos oficiais; Flavio Sátiro, com o seu sentido de redenção da maldade dos personagens, e Severino Ramos que lança o acontecimento no rol dos crimes bárbaros que abalaram a Paraíba.

Mas o que seria entender a invenção de uma santa como sendo também a invenção de um mito?

Os mitos, psicologicamente, são instrumentos de crenças para os que os aceitam e por eles pautam a sua vida (PATAI 1972). Um antigo mito pode reafirmar a própria vitalidade em circunstâncias completamente novas e fundamentalmente deferentes. As condições de vida, os métodos tecnológicos de relacionamento com meio (PATAI 1972). O mito, em seu sentido próprio, só se faz de valor para aqueles que não acreditam nele, pois para seus crentes, é uma verdade que deve ser seguida, um sistema “religioso” de aceitações universais, que rege a vida dos homens, mulheres e da natureza.

O mito para Certeau é entendido como um discurso fragmentado que se articula sobre práticas heterogêneas de uma sociedade que as articula simbolicamente, ou seja, cada sociedade, cada povo ou grupo são os responsáveis por construir e transmitir para

seus descendentes seus mitos através de seus discursos que necessariamente não precisam ser homogêneos.

É justamente assim que sente a população de Patos, Francisca não é apenas um mito, e sim uma Santa, havendo todo um sistema de condutas que seus crentes utilizam para pedir e para agradecer. Ela está presente na vida de todos como algo recente, embora esteja perto de completar 90 anos de sua morte. Ela é a própria história da cidade, como Patos passasse só a existir como lugar uno a partir de sua morte. Antes de sua história os moradores de Patos não conhecem nenhuma outra.

É complicado analisar um objeto que envolve religiosidade e o comportamento popular em torno de um acontecido e de uma fé, compreender e tornar compreensível aos outros, o comportamento do homem religioso e seu universo mental exigem do pesquisador uma grande sensibilidade para distinguir as coisas. Fazer julgamentos de valor não pode ser a ela aplicado. Não há nenhuma expressão de religiosidade que seja falsa, pois sim, ela é uma “instituição” e nenhuma instituição pode ser edificada sobre o erro ou uma mentira. “Se ela não tivesse alicerçada na própria natureza das coisas, teria encontrado, nos fatos, uma resistência sobre a qual não poderia ser triunfado” (ALVES, 1984 p. 58).

A religiosidade está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religiosidade, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que vemos. Aqui a ciência da religiosidade é também ciência de nós mesmos. Onde os objetos invisíveis adquirem uma dimensão nova e, passam a ser sinais de realidades visíveis. (ARRUDA, 1997)

Inicia seu romance com a busca do corpo desaparecido da menina. A verdade da santa é construída em seu discurso a partir de falas interpretadas pelos personagens antes da explicitação da verdade de sua morte, como por ex: o padre, que vê em Francisca uma menina com uma aura diferente, isso fica evidente durante a celebração de missa de domingo, o padre comenta que a criança o inspirou durante o sermão.

Ao escrever a história da cruz da menina, resgatando a sua “verdade”, o autor institui a imagem de um real, que se autoriza a partir da elaboração de imagens, que dão um lugar e nesse sentido definem os papéis da menina –Santa Francisca e dos seus padrinhos- assassinos.

O desfecho de sua trama é instituído com a redenção da perversidade, sentimento quase que “intrínseco” da personagem Domila. Nesse sentido, a morte de Francisca representa também a saída de um estado de maldade. Domila, depois de

encerrado o caso na justiça vai morar em João Pessoa, e passa a viver para o seu lar, para as tarefas domésticas, para seu marido e sua filha. Essa mudança passa a construí-la não mais como vaidosa e imoral, mas como uma “piedosa”. Arrependeu-se de sua vida impura e dos seus atos de crueldade. E o momento ápice dessa redenção se dá quando esta volta ao lugar onde deixaria o cadáver da menina contempla seus tributos e ao rezar por ela, pedindo que sua filha fosse curada de um traumatismo craniano, (ocasionado por um acidente de carro), redime-se de seus pecados e é perdoada. O sinal de seu perdão se dá pela cura da sua filha.

Da mesma forma que Sátiro, Damião Lucena em sua escrita, elabora o corpo da menina como santo, matado, sofrido, inocente, bondoso, virtuoso... e por isso também santo. Ambos colocam a forma brutal do crime como sendo fator positivo para o surgimento da crença e credibilidade da santa de Patos.

Ao mesmo tempo em que elaboram suas escritas, moldando conforme seus interesses acabam dando legitimidade e credibilidade à história.

Em sua pesquisa de conclusão de curso, Elisa procurou mostrar a construção do “movimento” popular e religioso em torno da santa de Patos, tendo como suporte os vários discursos, sejam os ofícios, sejam os orais que se cruzaram para a (re)construção da história da menina que transforma-se em santa na voz popular após ter sido “cruelmente assassinada”.

Ao utilizar-se do testemunho de Noé Trajano, vizinho do casal, Elisa não problematiza seu discurso. Uma dúvida flui no ar; será que Noé gostava do casal? Não existiria nenhuma rixa como era tão comum na época que o levasse a elaborar um discurso que colocasse Absalão e sua esposa como monstros? Uma coisa é certa, durante toda narrativa, o depoimento de acusação de Noé pesa bastante para a concretização da acusação do casal.

No decorrer de sua pesquisa, elabora um “painel” com os discursos que contempla a santidade da menina Francisca. Sua narrativa indiretamente procura explicar “racionalmente” como foi construído a crença da criança sofredora e martirizada, entretanto, não mostra se houve reações de violência dos habitantes para com os acusados e como realmente o crime foi sentido e processado pelos habitantes da cidade de população pequena no interior do Estado, que possivelmente levavam uma vida tranquila e pacata para o tempo e o local que faziam parte. Essa busca do cotidiano das pessoas, suas ações são algo que ficaram a margem do trabalho e que poderiam ter sido utilizadas para captar com mais intensidade esse sentir do povo, para tanto, uma

análise dos documentos do processo crime do julgamento como também as matérias dos jornais da época. Essa pesquisa também ao revisar a história da menina Francisca, acaba consolidado sua história, seja direta ou indiretamente, entretanto, a consciência sobre isso existe, não tem com se falar sobre algo sem ao mesmo tempo, reviver em partes sobre o que se comenta. Elisa trouxe a tona muitos pontos que até então estava sendo colocados a margem, por outro lado, deixou muitos outros.

Toda obra historiografia quando revisada, suscita dúvidas e críticas por quem a toma, entretanto, significa um sopro mais de vida sobre o acontecido ao possibilitar sua perpetuação ao ser usado por outros. Esta pesquisa não foge a essa problemática historiográfica, lacunas existem até mesmo semelhantes aquelas a qual no momento redigimos críticas, mas não fechamos os olhos para elas, não as colocamos como uma pedra no “caminho”, temos consciência das fragilidades desta pesquisa e ao mostrá-las, possibilitamos que outros, ou nós mesmo futuramente, poderemos dar uma passo a frente ao revista-la.

Dona Maria Rita, nos relata um caso particular de seu passado, ela juntamente com seu falecido marido e um casal amigo vinham de uma festa em malta e, passando pelo local da cruz da menina resolveram para e visitar, nesta época não existia o parque turístico existia apenas a capelinha e uma sala para colocar os ex- votos, olhando os objetos deixados como agradecimento por graças concedidas, sua amiga encontra um lindo punhado de cabelos, longos, pretos e lisos. Então resolveu levar para mandar fazer uma peruca, dona Rita tentou dissuadi-la a não fazer, mas não conseguiu, voltando para o carro, dirigido por sua amiga, ao sair escutou um grande barulho como de uma batida, assustados pararam o carro e foram verificar o que tinha acontecido, já era noitinha, não encontraram nada, o carro estava normal sem nenhuma batida, dona Rita conta que achou aquilo muito estranho, sentiu uma sensação quase como um calafrio e comentou com a amiga.

Chegando a campina Grande, a amiga mandou fazer a peruca, nessa época um objeto dessa era muito caro, o profissional contrato quando lavou os cabelos se surpreendeu, segundo conta Rita, os lindos cabelos longos e lisos ficaram pior que arame, encolheram e enrolaram, logo mandou comunicar o fato a dona, que chamou Rita para dizer o que havia acontecido. “Foi castigo”, disse Rita a sua amiga.

Durante o relato, a entrevistada procura coloca-se em lugar sempre positivo, ao dizer que tentou dissuadir sua amiga a levar os cabelos, ao dizer que sentiu uma sensação estranha no carro e ao colocar como castigo da santa o fato ocorrido com o

cabelo, durante todo o tempo dona Rita joga com palavras de neutralidade em seu favor, tentando mostra-se como uma pessoa boa, sensata, “eu não fiz nada(silêncio), foi ela”!(Rita). Mas, essas estratégias elaboradas pela fonte não prejudicam o relato, faz parte da pesquisa com história oral.

Alguns cientistas sociais, como por exemplo, Fraz Boas⁶, encaram a história oral e principalmente a história de vida como um instrumento fundamental de suas disciplinas, essa nova fonte é vista como mais uma ferramenta que auxilia o pesquisador em sua jornada.

Thomas e Znaniecki vêem na fonte oral: *o relato oral como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desaparecia se não fosse anotado*, já outros como Dollard, Thomas e Znamiecki alertavam para as dificuldades que esse tipo de história apresenta, dificuldades estas que podem ser observadas no relato fornecido pela entrevistada acima, atentando para as estratégias criadas por Dona Rita, de procurar um lugar positivo para si ao relatar um acontecimento de seu passado, exaltando apenas as coisas que lhe convêm, narrando conforme sua vontade, mas isso não simboliza e não deve ser interpretada como uma mentira, como bem diz Maria Izaura. “O narrador por sua vez, quer transmitir suas experiência, que considera digna de ser conservadas, independentemente de qualquer desejo de auxiliar o pesquisado”.

Não esqueçamos que a busca por uma “recordação” é, pois um exercício de organização e reorganização de fragmentos, uma reunião de retalhos de pessoas e de coisas, até mesmo pedaços da própria pessoa que bóiam no passado confuso, numa articulação de tudo criando com ele um mundo novo, ou seja, suas lembranças, suas memórias não podem ser colocadas como algo pronto e acabado, que de forma automática é revivida e revisita tal como aconteceu, existe uma linha chamado tempo que faz com que as coisas não sejam as mesmas, o presente influencia na recordação do passado (Durval, citando Bosi). Além do que vale salientar que “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referencia peculiares a esse indivíduo.” O peso do lugar interfere na sua oralidade, dona Rita ao negligenciar determinados fatos, seja conscientemente ou inconscientemente está realizando um trabalho normal de seleção, sua memória tende a lembrar de especificidades pertinentes ao seu ambiente a sua caminha de vida realizada até então. (BOSI, 1994).

Embora Francisca não tenha sido ainda canonizada pelo vaticano, existem manifestações até mesmo por parte de membros da igreja em conseguir consagrar Francisca como santa. O bispo Dom Manoel dos Reis de Farias está intermediando a vinda do canonista Frei Francisco Fernando para visitar Patos e esclarecer sobre os procedimentos para a abertura do processo de beatificação. (Jornal da Paraíba, 2008).

Segundo o frei, o processo para tanto é longo, sendo necessário investigar a vida e virtude de Francisca, questionando assim os possíveis sinais de santidade, como também a veracidade dos milagres realizados, que, para Roma, servirá como fundamentação do processo⁷.

O interessante de se notar na entrevista é como a reportagem procura da visibilidade a história da “santa”, usando uma imagem do santuário dos tempos áureos da inauguração do parque, a imagem representa uma celebração católica dentro do território do “sagrado”, passa a impressão de esplendor. Talvez essa busca por uma identidade configure-se no interior das pessoas que estão sempre buscando construir laços de ligações, no caso de Patos, muitos buscam ligar a história de Francisca a história da cidade.

As imagens falam muito, possui significados intrínsecos que permitem ao historiador desvendar muita das intenções por trás delas. Passado e presente se misturam, a reportagem coloca o velho e o novo lado a lado, rompendo com a linha do tempo, ao mostra uma imagem do santuário de antes de 1993, quando só existia sua capela em um ambiente precário e de abandono, essa mesma imagem é colocada em preto e branco, ao lado coloca-se uma foto colorida do santuário pós construção do parque turístico repleto de fies.

A vontade de perpetuar a história continua acesa, e ao fazer isso, também lembramos os realizadores da construção do parque, uma relação onde se mistura os interesses políticos e religiosos. É tão notório que dentro da capela de Francisca existem três quadros que fazem referencia a João Justino do Nascimento, fundador da primeira capela da cruz da menina, Edivaldo Mota, idealizado da construção do parque e Odília Bezerra da Luz, primeira zeladora do parque.

Mesmo não sendo canonizada ainda, sua importância, e poder encontra-se em grande parte no imaginário religioso popular, principalmente entre as pessoas mais simples. Não que as pessoas de posse não tenham fé, não é essa a questão. Mas, por questões particulares as pessoas mais simples, desprovidas de grandes vitórias pessoais: vitórias aqui colocadas em termos do sucesso profissional, pois a emocional é algo que

não necessariamente precise de recursos para si ter, são as que mais procuram o Santuário e as graças da menina.

O tráfico das crenças católicas, sendo reempregadas na consolidação de imagem da santa de Patos, da criança, do mártir, dos milagres e da edificação de um território para a crença. Uma criação que se articula sobre o ‘velho’, produz um outro, dá-lhe uma nova moldagem

A partir de algumas práticas e de alguns discursos se construiu e se instituiu historicamente a “invenção” da tradição religiosa da cruz da menina.

A cidade de Patos⁸ em 1993 festeja a construção do parque cruz da menina... Essa reconstrução do território do sagrado é mais uma reinvenção da tradição do crer. Com a construção do parque turístico cruz da menina a crença se (re)veste por uma nova forma de institucionalização [reconhecimento político do governo]. O estado fabrica um parque para os crentes [seus fies, seus eleitores] e através de sua insinuação confere uma legitimidade política ao culto, através da espetacularização dos poderes políticos (ELISA 1997).

A execução da política do espetáculo vai significar um marco para a própria invenção histórica da santa... A crença na santa tramada e tecida como “tradição”, lugar do passado é desta forma, ritualizada sob o signo da “modernidade.”. Um momento que o “arcaísmo” é captado para os discursos estratégicos da política: a romaria se torna uma prática de massa, a crença se transforma em espetáculo e Patos passa a ser inscrita no programa nacional de turismo (ELISA1997).

A religião passa a ser trabalhada como um produto para o consumo⁹, sendo elaboradas por parte dos poderes políticos e religioso, estratégias que visam aproveitar o máximo a crença na menina. A igreja católica durante a inauguração do parque turístico em 1993 torna-se a responsável pela sua manutenção, criando e recriando maneiras de captar prestígios.

O poder político não cria o parque turístico visando só a atender os interesses dos fies que durante tanto tempo solicitavam sua construção, interesses outros estavam em jogo, pois a cidade lançava-se no cenário de turismo religioso, atraindo uma romaria que possibilitaria crescimento econômico.

O que era apenas um lugar religioso com uma pequena capela, lugar de orações e de preces, passa a ser um lugar turístico, que movimenta dinheiro, que ganha espaços de “empresa”, possuindo um anfiteatro, restaurantes e lojas de souvenir. As pessoas não mais vão só para rezar ou agradecer, mas sim para passear com a familiar, ver pessoas,

amigos e serem vistos. Uma rota de ônibus coletivo passa a funcionar na cidade para facilitar a visita ao parque, algo até então inédito na região que nunca havia contado com esse tipo de serviço, algumas pessoas em especial os jovens com a inauguração dos coletivos criam para si uma nova forma de lazer, passear nos ônibus, fazendo citi tur pela cidade, tendo em vista que se pagava apenas uma passagem e você podia ir até o ponto final e voltar, transformou hábitos de uma população. Visitar a família em bairros mais afastados torna-se mais fácil, mesmo com a precariedade do serviço, pois existia um pequeno número de ônibus em circulação e não era todos os bairros que foram contemplados sem falar da demora para se pegar o ônibus.

A visita ao Santuário após a inauguração 1993 ampliou-se consideravelmente, a programação de praxe aos finais de semana era levar a família para visitar o local, tirar fotos e pedir graça a “santa” esse último para muitos ficava em segundo plano. É evidente que nesse turbilhão existia os devotos mais fervorosos que tinha como objetivo exclusivo ir rezar aos pés da santa. Pedir por alguma graça ou agradecer alguma já alcançada.

De uma cidade esquecida no alto sertão da Paraíba, para uma cidade possuidora de um grande parque turístico de caráter religioso que atraía grandes massas de fieis, foi assim, que Patos passa a ser representado em notas sobre a inauguração do parque, divulgados nos jornais, enaltecendo a construção que atendia aos anseios da população. É interessante notar que surgem discursos sobre a importância desse parque para a cidade de forma constantes na imprensa, idéias novas passam a proliferar no meio social modificando hábitos e costumes.

Muitos foram os que agradeceram a construção do parque em 1993, uma obra que realizou o sonho de muitos. Por outro lado, essa construção tornar-se-ia mais tarde lugar de disputas entre o político e o religioso.

A oficialidade procura cada vez mais disciplinar as formas de crer, instituindo símbolos que revestem a crença em algo mais “concreto”. Essa disciplinarização¹⁰ do crer em Francisca tem um forte apelo econômico. A divulgação do santuário, da força que Francisca tem em obrar milagres, levaria a Patos um grande número de fiés, movimentando assim a economia local. Esse é talvez, sem sombra de dúvida o principal objetivo dos poderes políticos. Transformando a fé das pessoas em mercadoria de consumo.

Por outro lado à igreja vendo o crescente desenvolvimento em torno de Francisca passar a tentar disciplinar seus crentes de que Francisca não realiza milagres,

mas sim, é Deus quem realiza. Os padres constantemente enfatizam a necessidade dos fiés em não utilizar os procedimentos da igreja católica no culto à menina Francisca. Mas, mesmo assim, os católicos continuam a transferir muito das simbologias cristã para a adoração de Francisca, transformando e readaptando.

A igreja pretendendo “converter” os fiés a buscarem a salvação através da madre igreja católica, ao fazer isso, acaba dando legitimidade a crença em Francisca, ao criar uma igreja ao lado do santuário, onde aos domingos realiza missa , entretanto, ao invés de afastar os fiés do santuário, a criação da igreja indiretamente serviu para reforça e legitimar a visitação ao santuário da menina Francisca, tendo em vista que ao atrair as pessoas para participarem da missa, também proporciona que essas mesmas vão visitar o parque, logo após o encerramento da missa.

Por mais que estado e igreja procurem construir estratégias para “evangelizar” e “educar” os crentes e suas crenças, outra produção se insinua astuciosa, dispersa silenciosa... São as marcas que, para Certeau, compõem uma “antidisciplina”, que coloca em jogo apropriações e reapropriações dos lugares produzidos pelos projetos de disciplinarização da crença. O homem ordinário inventa seu cotidiano graças às artes do fazer, das astucias sutis, das táticas de resistências pelas quais ele altera os objetos e os códigos, as reapropria do espaço e do uso a seu jeito, ou seja, as pessoas não são tão obedientes e passivas como as vezes a história mostra.(CERTEAU 1994)

Nesse jogo os fiéis da menina vão pouco a pouco conseguindo elaborar seus ritos e, aperfeiçoando seus símbolos por baixo dos panos de forma silenciosa, fortalecendo seu mito através de estratégias que vão de desencontro com os proferidos pela igreja católica, nessa luta de poderes cada um usa suas armas da forma que lhe convêm, a igreja tenta atrair os fiés de Francisca que não deixarão de ser católicos ,mas, de freqüentar a igreja com a mesma intensidade de antes. Mas, isso também deve-se ao fato de que na sociedade contemporânea os indivíduos estarem cada vez mais livres para escolherem entre sistemas religiosos.(GUERRA)

Os devotos da santa tecem tipos de estratégias que não são nem determinados nem captados pela lógica disciplinarizadora da igreja e do estado, mas construídas a partir do estabelecimento de um “contrato” com o outro, uma forma de entrar no jogo e usá-las para fins outros, para desejos outros (ELISA 1997).

Pois os símbolos não são simplesmente herdados, mas construídos e reelaborados historicamente pela dimensão sagrada com que são vividos. Uma construção e vivencia que, mesmo dialogando com referências religiosas herdadas, cria

novas formas de crenças. Por isso, a “herança” cultural e religiosa não pode ser passada, pelo historiador, como uma continuidade natural, uma vez que o mundo religioso não está pronto à espera que os homens o usem para significar suas motivações. Ele é produto dessas significações (CERTEAU 1982)

Além dessas disputas, ainda existe uma trama que procura transformar em “concreto algo que não o é”. Os responsáveis pela administração do santuário vêm nos últimos anos lançando para os fies uma imagem que seria de Francisca, um retrato falado que foi feito segundo descrições de pessoas que conheceram a menina. Entretanto, dona Odília, antiga zeladora da capelinha diz que esse retrato não faz jus a menina Francisca, e, sim pertencia a uma garota que foi pagar uma promessa e deixou sua foto no altar. Essa disputa em torno da imagem de Francisca desautoriza o retrato falado que se instituiu historicamente como sendo o da Santa, passando a se tornar um problema para os guardiões da crença (ELISA 1997). “Coisas que nada significam podem passar a significar, por meio de um artifício: basta que sobre elas escreva se algo” (ALVES 1984)

Essa disputa em torno da imagem pode ser vista como sendo uma tentativa de consolidar ainda mais no imaginário das pessoas sua história, pois sempre que as pessoas olharem para a figura de Francisca lembraria sua história. Esse era o objetivo de seus idealizadores, criarem uma homogeneização da menina na mente de seus fies, reforçando ainda mais sua santidade, e com isso também poder vender sua imagem em forma de santinhos e de estátuas.

Em entrevista, dona Rita¹¹, contou que o retrato de Francisca que é usado não era o da menina de verdade, isso lhe foi revelado por Graciela Mericiano filha de Domila, dizendo as características verdadeiras de Francisca, menina morena escura de cabelo crespo, magra “feia”. Na mesma conversa, Graciela teria revelado que sua mãe sofria muito por causa desse acontecido, tanto que seus pais tiveram que sair da cidade e vim morar em Campina Grande. Domila sempre dizia que era inocente, entretanto, “eu nunca acreditei [silencio], ela e seu marido foi quem matou a menina e depois escondeu o corpo”. Mais na frente comenta que Domila antes de morrer sofreu muito com sua doença- câncer- mal podia falar e parece que seu marido também morreu de câncer.

Nessa passagem, talvez incite sua concepção de que eles realmente eram culpados, tanto que foram castigados e morreram ambos de uma doença considerada assustadora. Indiretamente Rita deixa transparecer sua opinião sobre o fato, modificando através de suas percepções ao relato da conversa.

A preservação de certos mitos em nossa sociedade são importantes, pois garantem a manutenção de unidade e identidade de um povo, de uma região: “somente palavras que andam, passando de boca em boca, lendas e cantos, no âmbito de um país, mantêm vivo o povo”.(Chartier citando N.F.S. GRUNDTVIG). Essa talvez seja a intenção dos que procuram manipular a imagem de Francisca, buscando preservar viva sua história, pois, se ninguém mais contar ou falar sobre o fato, sobre seus supostos milagres, isso acarretaria com o passar do tempo o esquecimento, não mais ter a importância de antes. Manter vivo no coração e mente das pessoas é arditamente uma forma de garantir sua preservação, de garantir também a permanência de seu mercado da geração de lucros a seu redor. Existe nesse jogo interesses que vão além do religioso e econômico. Preservar a manutenção no crê em Francisca simboliza preservar a funcionalidade do parque como isso manter o status gerado aos responsáveis pela administração e nesse embalo manter vivo no âmbito político os méritos para aqueles que colaboraram para a construção.

Ao (re)inventar o passado, narrando a história de seus “primórdios” e de sua trajetória no tempo para explicar seu presente, a cidade acaba meio que construindo seu futuro, através de projetos e visões de mundo que direcionam para um depois, seja como ficção científica, seja como planejamento urbano. A modernidade urbana possibilita pensar tais tipos de representação: aqueles referentes aos planos e utopias construídas sobre o futuro da cidade, inscrevendo uma cidade sonhada e desejada em projetos urbanísticos. E ao reviver a história de Francisca, a cidade procura colocar em xeque seus sonhos, eles são a inscrição de uma vontade e de um pensamento organizado pela cidade e, logo, são matérias da história, porque fazem parte da capacidade imaginária de transformar o mundo. “Assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado, sempre a partir das questões do seu presente”.(PESAVENTO,2003)

Nessa construção imaginário de espaço-tempo, na criação de um passado e de um futuro, a cidade sempre está procurar explicar o seu presente. Através desse processo, acaba por definir uma identidade comum, um modo de ser, uma imagem e uma alma, que possibilitam reconhecimento e configura aos homens uma sensação de pertença e de identificação com seu local.

Os fies se apropriaram¹² da construção do parque turístico, inventaram novas formas de crer, não foram apenas espectadores passivos, aceitando as práticas vindas de um grupo tido como criadores. Nesse caso os fies, por um lado, aceitam, interiorizam e reproduzem, por outro, rejeitam, negam, reciam.

Assim, cada cidade é um mosaico de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares. Algo perceptível durante ao desvendamento do crime, os habitantes da cidade proclamavam por justiça, ao tempo que faziam seu próprio julgamento sobre os culpados do crime, visto como sendo os padrinhos da menina, ou seja, as vozes deram vida ao fato, o espaço se (re)configura em prol desse fato. A cidade cria a partir daí sua história, marcada por sofrimento de sangue de um ser puro. As variam vozes que nesse fato não se calaram deram visibilidade para o surgimento da crença na menina Francisca.(PESAVENTO, 2003)

Por isso, ao trabalhar com a questão do santuário da menina Francisca que há mais de 90 anos vem impregnando o imaginário coletivo das pessoas de Patos e demais localidades, requer-se uma análise que contemple as sensibilidades que permeia as relações sócias e os fenômenos que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e pelo jogo de poderes que fazem parte de qualquer sociedade ocidental contemporânea.

O uso dessa fonte mesmo sendo impregnadas de subjetividades, não pode significar em sua compreensão que os depoimentos sejam lidos e interpretados em suas distorções como algo negativo, mas, devem sim ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa.(FERREIRA, 1995).

Hoje em dia mesmo em meio a algumas situações adversas, a Cruz da menina continua fazendo parte do ponto turístico da cidade, algo ainda presente aos habitantes. Aos domingos é o dia de maior movimentação, principalmente quando termina as celebrações da missa na igreja ao lado do parque, os fies se dirigem em direção ao portão lateral do parque que fica em frente à entrada da igreja, algo em torno de 4 metros de distância, logo a pequena capela de Francisca tem todos os lugares ocupados por adoradores, os que conseguem lugar para sentarem aproveitam e de joelhos rezam em busca de graças. Esse ato de sair da missa e ir orar para uma “santa” é visto pelos fies como algo normal, fato que em nada se choca com o fato de serem católicos, de terem acabado de participar da missa, de terem rezado para “Deus Pais”, mas sim, seria

como um reforço a mais. Não é de hoje que vem acontecido esse intercâmbio, e nessa migração acontece a transferência de comportamento do ambiente religioso-católico para Santa-Santuário.

Além disto, existe a visitação de moradores da cidade de Patos e circunvizinhas que vão o santuário, não só para rezar, orar, mas para passear com a família, entretanto, essa visitação não pode ser compreendida como a que acontecia quando da inauguração do parque turístico, é uma movimentação bem singela, muito aquém de antes, mas, que representa algo principalmente para os comerciantes que possui lojas dentro do parque, querendo ou não, depende das visitações dos fies que sempre resolvem comprar alguma lembrança para simbolizar sua passagem por lá.

Devido sua localização, BR 230, passagem obrigatória saindo de patos para o interior e para o Juazeiro do Norte, atrai curiosos que de passagem resolvem entrar para conhecer. Nessas visitas esporádicas esses frequentadores acabam gerando certa renda.

Como havíamos ressaltado na introdução desse trabalho, nossa pesquisa se norteou por um conjunto de questões que, apesar de bastante relevantes, se encontravam ainda confusas ou não suficientes, procurando apresentar uma contribuição ao aprofundamento da “compreensão” do significado e das motivações do “movimento” religioso em torno de Francisca.

Não temos a pretensão que muitos possuem. Sei das limitações que uma pesquisa como essa nos impõe, não tem como pensar o passado sem utilizar a mentalidade do presente. Isso inclui fazer denominações e dá significados novos as coisas por isso procuraram ser o mais fiel possível aos fatos, de corpo, alma e mente, revirando e criando fontes, parafraseando essa concepção de Certeau, fazendo um grande trabalho detetivesco¹³ em busca dos fatos que proporcione um maior legue discursivo para uma nova (re)elaboração da História.

O percurso pra tal não foi nada fácil, enfrentar os percalços por qual um historiador passa, em busca de legitimar academicamente sua pesquisa, pois querendo ou não, fazemos parte deste corpo e dele necessitamos para nosso crescimento profissional.

NOTAS:

*Universidade Federal de Campina Grande

1. Ver, NOBREGA, *Elisa Maria de Medeiros. Retalhos de um corpo santo: Monografia de graduação em História - UFPB.1997*

2. Nome atual da rua onde morou o casal, Domila e Absalão.

3. Ver, ARANHA, Gervácio Batista. “*Contra os reducionismos, por uma história nova*”. In: Saeculum – revista de história. Nº 46. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002, p. 42
4. Idem, Elisa 1997.
5. Quando nos referimos à cidade de Patos, não pretendemos homogeneizar os discursos, temos conhecimento que existiam sentimentos distintos entre os moradores.
6. Ver, QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos: Do “Indivizível ao dizível”. In Von Simon, O. M. Experiências com Histórias de vida; S. Paulo. Vutre, 1988.
7. Ver, *Jornal da Paraíba. Campina Grande, 15 de junho de 2008, p.13.*
8. Idem citação 5.
9. Ver, GUERRA, Lemuel dourado. Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. João Pessoa; Idéia, 2003.
10. Ver, Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. *Org. Vanice Sargentini, Pedro Navarro Barbosa: São Paulo; claraluz, 2004.*
11. Entrevista realizada pelo autor dia 27/04/2008 às 16:10 em Campina Grande.
12. Ver CHARTIER, Roger. A história Cultural: Entre práticas e representações. São Paulo; DIFEL, 1990.
13. Ver, GUINZBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.* São Paulo: Cia. das Letras, 1990

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubens. *O que é religião: São Paulo; brasiliense, 1984.*

ARANHA, Gervácio Batista. “*Contra os reducionismos, por uma história nova*”. In: Saeculum – revista de história. Nº 46. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002, p. 42.

AMAURY, Carvalho. *Hino, A menina da cruz, 1993.*

ARRUDA, João. *Canudos, messianismo e conflitos sociais. Fortaleza: edição 1997.*

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade In. Lembranças de velho: São Paulo; cia das letras, 1994.*

CERTEAU, Michel. *Operação historiográfica In. A escrita da historia: Petrópolis - Rio de Janeiro: vozes, 1982.*

_____, *A invenção do cotidiano: artes do fazer. Petrópolis: vozes, 1994*

CHARTIER, Roger. A história Cultural: Entre práticas e representações. São Paulo; DIFEL, 1990.

DURAN, Marília Claret Gerars. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. Dialogo Educ..Curitiba,v.7, n 22, p 115-128,set/dez. 2007.

ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ORAL SUDESTE-SUL(1.:1995: SP). Oral, tempo presente. Marieta de Moraes Ferreira. In. (re) introduzindo a História Oral no Brasil: (org) José Carlos Sebe Bom Meithy-SP. História

FERNANDES, Flavio Sátiro. A cruz da menina: João Pessoa, 1996.

Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. Org. Vanice Sargentini, Pedro Navarro Barbosa: São Paulo; claraluz, 2004

GUERRA, Lemuel dourado. Mercado religioso no Brasil: competição e demanda e a dinâmica da esfera da religião. João Pessoa; Idéia, 2003.

GUINZBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.* São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

LUCENA, Damião. *A cruz da menina: edição histórica, 1997.*

_____, *A cruz da menina: o filme 1993.*

_____, *Parque cruz da menina, religiosidade e turismo: O nosso recado, 1997.*

MEDEIROS, Antônio Américo. História completa da cruz da Menina: Cordel, Patos PB; Graf. Sto. Antônio.

NOBREGA, Elisa Maria de Medeiros. *Retalhos de um corpo santo: Monografia de graduação em História - UFPB. 1997*

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada: Rio de Janeiro. Paz e terra, 1998*

PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno: São Paulo; Cultrix, 1972.*

PESAVENTO, S. J. . História e História Cultural. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. v. 1. 130 p.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social; Estudos Históricos, R. Janeiro. Vol. 5, n.10,12, p. 200-121.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos: Do “Indivizível ao dizível”. In Von Simon, O. M. Experiências com Histórias de vida; S. Paulo. Vutre, 1988.

RAMOS, Severino. “A cruz da menina”. In: ____ *Crimes que abalaram a Paraíba. Vol.II. João Pessoa: Idéia, 1995.*

Jornal da Paraíba. Campina Grande, 15 de junho de 2008, p.13.

<http://www.scielo.br/> Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.